



DA PRÁTICA PESSOAL À ATUAÇÃO PROFISSIONAL NO SURFE: AS ATIVIDADES DE PREPARADOR FÍSICO, TREINADOR E PROFESSOR

FROM PERSONAL PRACTICE TO PROFESSIONAL PERFORMANCE IN SURFING: ACTIVITIES OF PHYSICAL TRAINER, COACH AND PROFESSOR

DE LA PRÁCTICA PERSONAL AL DESEMPEÑO PROFESIONAL EN EL SURF: LAS ACTIVIDADES DEL PREPARADOR FÍSICO, ENTRENADOR Y PROFESOR

Arthur Kops Petersen

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
Email: arthurkops@hotmail.com

Giandra Anceski Bataglion

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
Email: giandraanceski@gmail.com

Janice Zarpellon Mazo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil
Email: janice.mazo@ufrgs.br

RESUMO

O objetivo desse estudo foi averiguar a percepção de profissionais do surfe (preparador físico, treinador e professor) sobre a atuação no âmbito desta prática. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com sete participantes: cinco preparadores físicos, um treinador e um professor universitário. Os dados coletados passaram pela análise temática de conteúdo, sendo elaboradas duas categorias. Na primeira, foram evidenciados acontecimentos marcantes nos percursos dos participantes quanto à atuação profissional no universo do surfe. Sobre isso, o ingresso da atuação articulada a interesses ligados à prática pessoal como surfistas despontou como uma unidade de significado comum aos participantes. Na segunda, o surfe é enfatizado como um esporte que se conformou em um potencial campo de atuação a variadas áreas, abrindo espaços para o desenvolvimento de métodos e perspectivas de trabalho. Considerando-se a proeminência do país na elite mundial da modalidade, nota-se que se requer maior atenção à formação e valorização dos profissionais que atuam no/para o surfe.

Palavras-chave: Surfe; Preparador Físico; Treinador; Professor.

ABSTRACT

The aim of this study was to investigate the perception of surfing professionals (personal trainer, coach, professor) about their performance in this practice. Semi-structured interviews were conducted with seven participants: five physical trainers, a coach and a university professor. The collected data underwent a thematic content analysis, with two categories being elaborated. In the first category, evident events in the paths of the participants regarding professional performance in the universe of surfing were observed. About this, the entry of articulated acting linked to interests related to personal practice as surfers emerged as a unit of common meaning to the participants. In the second category, surfing is emphasized as a sport that has become a potential field of action in various areas, opening spaces for the development of methods and work



perspectives. Considering the country's prominence in the world elite of the sport, it is noted that greater attention is required to the training and valuation of professionals who work in or for the surfing.

Keywords: Surfing; Personal Trainer; Coach; Professor.

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue investigar la percepción de los profesionales del surf (preparador físico, entrenador y profesor) sobre su desempeño en esta práctica. Se realizaron entrevistas semiestructuradas con siete participantes: cinco entrenadores físicos, un entrenador y un profesor universitario. Los datos recopilados pasaron por un análisis de contenido temático, con dos categorías en elaboración. En el primero, hubo eventos significativos en los caminos de los participantes con respecto al desempeño profesional en el universo del surf. Sobre esto, la entrada de la actuación articulada a intereses vinculados a la práctica personal como surfistas surgió como una unidad de significado común para los participantes. En el segundo, el surf se enfatiza como un deporte que se ha convertido en un campo de acción potencial en varias áreas, abriendo espacios para el desarrollo de métodos y perspectivas de trabajo. Teniendo en cuenta la importancia del país en la élite mundial del deporte, se observa que se requiere una mayor atención al entrenamiento y la valorización de los profesionales que trabajan en/para el surf.

Palabras clave: Surf; Preparador Físico; Entrenador; Profesor.

INTRODUÇÃO

O surfe é um esporte que ocorre em ambiente natural, onde as informações são complexas e multáveis, conferindo um lugar de destaque ao conceito de incerteza; é, também, uma atividade individual realizada com ou sem parceiros e adversários, em total liberdade, tanto às margens das instituições, como em uma estrutura muito institucionalizada (AUGUSTIN, 2019). Nos Jogos Olímpicos de 2020, a realizarem-se em Tóquio, no Japão, o surfe fará parte das modalidades disputadas pela primeira vez (DIAS; ARAÚJO, 2019). Tal acontecimento marca relevante conquista para essa prática em âmbito mundial, denotando possíveis ressonâncias para os personagens envolvidos nesse esporte no momento atual, bem como àqueles que se engajarão futuramente.

No Brasil, o surfe passa por momento de ressignificação há alguns anos, marcadamente a partir de 2014 e 2015, quando diversos atletas surfistas brasileiros obtiveram conquistas em campeonatos de surfe internacionais (GOMES et al., 2017). O título mundial conquistado por Gabriel Medina no ano de 2014 – primeiro surfista brasileiro a vencer o *World Circuit Tour* (Circuito Mundial) (GULIN; ANDRÉ, 2015) – é um exemplo. Vale mencionar que o referido evento desde 1990 possui duas etapas, são elas:

World Qualifying Series (WQS) e *World Championship Tour* (WCT). Conforme Souza, Hecktheuer e Rigo (2019), após se destacar nesse evento, o atleta Gabriel Medina passou a representar a “emergência e a consolidação de um novo perfil de surfista brasileiro, o surfista profissional, que se distânciava dos surfistas da década de 60, 70 e 80”. Para os autores, um ponto importante para a caracterização desse “novo perfil de surfista” é a equipe multiprofissional envolvida em seu processo de produção, a qual inclui médicos esportivos, fisioterapeutas, educadores físicos, nutricionistas, psicólogos, dentre outros.

Nesse sentido, especialmente a partir da segunda metade do século XX, os motivos atrelados à prática do surfe passaram a ser constituídos, também, em torno das possibilidades profissionais em distintos âmbitos, não se restringindo à profissão de atleta, mas, sim, abrindo espaços para variadas áreas de atuação nesse campo esportivo (AUGUSTIN, 1998). Conforme Amaral e Dias (2008), em muitos casos, os fatores que motivam os indivíduos a praticarem e atuarem como profissionais no surfe estão inter-relacionados. Ramos e colaboradores (2014, p. 821) corroboram ao destacarem que, para treinadores de surfe, as “metas de ensino estão diretamente relacionadas aos seus próprios objetivos de



prática pessoal, construídos ainda na infância, indicando o impacto da experiência de prática pessoal e a manutenção dos significados pessoais em sua atividade pedagógica cotidiana”.

Para Augustin e colaboradores (1994), no final do século XX o surfe já apresentava um movimento incomparável àquele da década de 1970, por exemplo. Destaca-se que os meios de comunicação, tanto impressos quanto digitais, influenciaram amplamente o processo de disseminação e profissionalização dessa prática no Brasil, destacando-se a proeminente contribuição das revistas de surfe (FORTES, 2008). Estas, contudo, sem qualquer prerrogativa de referências históricas ou elementos empíricos (AUGUSTIN et al., 1994). Nesse interim, embora a o surfe tenha conquistado o seu espaço como uma atividade “profissional e séria” (p. 4, 2008), antigos preconceitos e estigmas acerca da prática permaneceram no imaginário social: aparência descuidada, vagabundagem, uso de drogas e pouca afeição ao estudo e ao trabalho são características que atravessaram a constituição histórica da modalidade e das identidades dos surfistas.

Amaral e Dias (2008, p. 17) apontam que “noções de saúde, beleza, alegria, juventude, irreverência, modernidade e sofisticação dos costumes” compõem “valores e simbolismos” que passaram a ser utilizados a fim de se romper com a imagem negativa atribuída ao surfe e aos surfistas. Neste seguimento, ao longo da história desta prática, foram construídos significados ligados a um estilo de vida particular, relacionada ao contato com a natureza, à saúde, ao bem-estar físico e mental, ao compartilhamento de momentos com amigos, às emoções e sensações oriundas da prática como a liberdade, a diversão, a superação de desafios, entre outros motivos (AMARAL; DIAS, 2008; RAMOS et al., 2014). De tal modo, segundo Booth e Thorpe (2019), o surfe foi abraçado como uma prática prazerosa, divertida e associada a pessoas saudáveis e com boa forma física. Nessa lógica, Guibert (2018, p. 2) explica que “os determinantes que revestem uma prática esportiva com características singulares são construídos ao longo do tempo” a partir de “categorias mentais” oriundas de vários campos

como o esportivo, o midiático, o político e o acadêmico. Constituindo e configurando-se, assim, a raiz de práticas culturais ligadas ao esporte (PEREIRA; ARMBRUST; RICARDO, 2008).

Atualmente, a despeito do espaço social conquistado pelo surfe e das novas representações produzidas acerca da prática na sociedade brasileira, ainda são escassas políticas públicas de incentivo à modalidade no país (DIAS; ARAÚJO, 2019). Nesse sentido, conforme as autoras (2019), as ações para o desenvolvimento do surfe dependem, em grande medida, da mobilização de associações que atuam com iniciativas locais como, por exemplo, a organização de “escolinhas de surfe” (AMARAL; DIAS, 2008). Para Ramos e colaboradores (2014), dada a crescente popularização do surfe, as possibilidades de atuação profissional junto a essa prática foram gradativamente incrementadas. De acordo com o autor (2014), para se atender às demandas e necessidades do surfe, é preciso investir na formação em curso universitário e no aperfeiçoamento profissional a fim de se atuar com melhor qualidade tanto na esfera do lazer quanto do alto rendimento esportivo. Esse último, cada vez mais, se configura como um potencial campo de trabalho, visto que é elevado o número de brasileiros que integram a elite mundial do surfe (GOMES et al., 2017) e variadas são as áreas de intervenção possíveis (SOUZA; HECKTHEUER; RIGO, 2019).

Gomes e colaboradores (2017) investigaram o perfil da produção do conhecimento sobre o surfe em periódicos nacionais, identificando que os estudos amparados nas Ciências Sociais são preponderantes, sendo o eixo temático intitulado “Aspectos Sociais, Culturais e Históricos do Esporte e do Lazer”, aquele em que foi evidenciado o maior número de artigos. Contudo, ao analisar os outros quatro eixos temáticos (Treinamento; Saúde; Aspectos Nutricionais; Iniciação Esportiva e Categoria de Base), os autores observaram que 55,55% dos 27 artigos encontrados circunscrevem-se epistemologicamente nas Ciências Naturais. Além de ressaltarem que a temática do surfe carece de mais estudos para ser compreendida em toda a



sua complexidade, os autores (2017, p. 307) concluíram: “necessita-se também, de mais pesquisas que possam efetivamente contribuir com o trabalho daqueles que fazem a modalidade cotidianamente acontecer”. De tal modo, nosso estudo pretende contribuir com as reflexões sobre essa temática.

Com base nessas considerações iniciais, o estudo possui como objetivo geral averiguar a percepção de profissionais do surfe (preparador físico, treinador e professor) sobre a atuação no âmbito desta prática. Para tanto, se desdobra nos seguintes objetivos específicos: a) Expor as formas de ingresso na atuação profissional no surfe; b) Evidenciar a percepção dos profissionais de surfe sobre aspectos relevantes à atuação; c) Identificar as formas de atuação adotadas pelos profissionais de surfe.

O estudo foi desenvolvido a partir da coleta de informações por meio de entrevista semiestruturada com sete personagens do surfe nacional: quatro preparadores físicos, um treinador, um preparador físico e treinador e um professor universitário, são eles: Allan Menache, Carlos Alberto Diehl, Fabiano Bossle, Leandro Dora, Marcio Abreu, Pedro Lucas e Tiago Perin. Esse estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob o número 27331. Os entrevistados aceitaram participar voluntariamente do estudo e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para essa finalidade, autorizando, ainda, a divulgação de suas identidades.

A escolha dos colaboradores ocorreu de forma intencional, sendo entrevistados indivíduos previamente conhecidos – pessoalmente ou via noticiários – pelos (as) pesquisadores (as), o que facilitou o estabelecimento de contato para o convite e a realização das entrevistas. Ademais, a localização geográfica do (a) entrevistador (a) e dos entrevistados, assim como indicações de colaboradores entre ambas as partes, influenciou para se chegar ao nosso grupo de entrevistados. De tal modo, o critério de inclusão foi possuir vinculação com o surfe em alguma atividade

profissional e aceitar participar do estudo, concedendo entrevista. Todos os colaboradores são do sexo masculino, visto que, no período da coleta de dados para este estudo, não foram localizadas/ acessadas mulheres, atuando ou que tenham atuado nas atividades de preparadora física, treinadora ou professora de surfe, conforme objetivo do estudo e critério de inclusão. Todavia, sabe-se do engajamento de mulheres como praticantes e atletas de surfe em variados locais do Brasil. Destaca-se que outros indivíduos foram convidados a participar do estudo, no entanto, não deram retorno quanto ao convite e/ ou não tornaram viável a realização da entrevista, seja nas formas presencial ou via *skype*.

O roteiro de entrevista foi elaborado especificamente para este estudo, contemplando dados de identificação do (a) entrevistador (a) e do entrevistado e; perguntas acerca das seguintes dimensões e respectivos indicadores: formas de ingresso e permanência na prática do surfe (família, amigos, acesso frequente à praias); tipo (preparador físico, treinador ou professor) e formas de inserção e de atuação profissional no surfe (criação e/ou articulação de métodos de treinamento para o surfe, criação de escolas de surfe, construção de métodos de ensino do surfe). Duas entrevistas foram realizadas de forma presencial e cinco por meio do recurso de chamada de vídeo via *skype* devido a dificuldades de se efetivar encontro presencial. Todas as entrevistas seguiram os procedimentos de gravação com gravador de áudio e transcrição na íntegra, com retorno dos conteúdos transcritos aos colaboradores para revisão.

Foi realizada revisão bibliográfica sobre o tema, sendo as referências localizadas, utilizadas no tópico ora apresentado e na discussão dos resultados. Os dados coletados foram analisados por meio da técnica de análise temática de conteúdo (FLICK, 2009), culminando em duas categorias: a) Surfe como prática e como atividade profissional: formas de ingresso; b) Atuação profissional no/ para o surfe: perspectivas e métodos. Segue abaixo, os



resultados da análise temática dispostos em dois tópicos.

a) O surfe como prática e como atividade profissional: formas de ingresso

Nesse tópico são apresentadas evidências das formas como cada participante do estudo deu início à atuação profissional como preparador físico, treinador ou professor no surfe. O título escolhido para este tópico reflete uma característica comum a todos os entrevistados, isto é, indivíduos que iniciaram sua relação com o universo do surfe como praticantes da modalidade e, a partir disso, de diferentes maneiras se constituíram em profissionais que ensinam e/ ou treinam outros indivíduos para a prática ou para as competições de surfe. Abaixo, seguem informações sobre como sucedeu este processo para cada um dos colaboradores.

Allan Menache começou sua carreira como preparador físico no estado de São Paulo, em 2001, ao mesmo tempo em que iniciava a sua formação acadêmica em Educação Física. Nessa época, atuou como *personal trainer* de atletas e não atletas, utilizando do treinamento funcional para o atendimento aos mesmos. Adotava o método de treinamento funcional para si, visando, principalmente a preparação à prática do *jiu-jitsu*. Com o tempo, o treinamento foi sendo adaptado, tendo em vista as necessidades próprias e dos alunos. Com sua esposa, também professora de Educação Física, Allan Menache criou o “Treinamento Inteligente” (TI-SURF), o qual é um método utilizado para a preparação física de surfistas e esportistas em geral. Em 2010, inaugurou um espaço de TI-SURF, atendendo dentro de uma clínica multidisciplinar em parceria com médicos, nutricionistas e psicólogos, dentre outros profissionais da saúde. A inserção de Allan Menache como preparador físico do surfe ocorreu em 2007, quando um amigo, surfista de ondas grandes, o contactou com dores na coluna, joelhos e ombro, solicitando preparação física para manter-se no esporte. Com isso, Allan Menache deu início aos estudos sobre a prática do surfe e percebeu que a literatura sobre o assunto era escassa, ou seja, raros trabalhos publicados e com pouca especificidade

que pudesse dar segurança para o trabalho de preparador físico na área. Então, iniciou o treinamento a partir de adaptações de outras modalidades, criando um método de treinamento por sessões para os surfistas, atendendo, com o tempo, surfistas antes das *surftrips* e profissionais. Em 2011, passou a atender surfistas como Adriano de Souza, Caio Ibele, Italo Ferreira, Miguel Pupo e Gabriel Medina. Isto porque, além do conhecimento da prática, a clínica a qual estava ligado tinha relação com a marca *Oakley*, e os atletas patrocinados por essa marca eram atendidos pela clínica, passando a treinar com Allan Menache. Esse contato com os atletas do surfe mundial lhe possibilitou participar de viagens, como para a *World Surf League* (WSL), culminando na sua ascensão dentro do surfe enquanto preparador físico:

[...] Tínhamos uma parceria com a empresa *Oakley* e fizemos vários projetos, trabalhos para preparar esses atletas para o circuito mundial de surfe. Paralelo a isso, e com o sucesso desses atletas no circuito e no *Brazilliam Storm*, eu comecei a ser chamado por uma série de surfistas, desde iniciantes até surfistas carimbados de ondas grandes, surfistas que viajam o mundo todo para diferentes ondas, tanto mulheres como homens que querem se preparar para o surfe e outros esportes de prancha (Allan Menache, Preparador Físico de Surfe).

Carlos Alberto Diehl começou a praticar o surfe em 1982 e a competir em 1986, se interessando, assim, pelo treinamento e pela preparação física para a prática. Teve participação no treinamento de atletas da Federação Gaúcha de Surf, de equipes escolares e, como atleta, foi campeão gaúcho máster em 1994, dentre outros títulos e vitórias que teve nas modalidades *pranchinha* e *longboard* na época que ficou conhecida como o auge do surfe gaúcho – em termos de investimento e competições – década de 1990. Formado em Educação Física em 1996, após um acidente surfando, Carlos Alberto Diehl decidiu abrir a Escola Gaúcha de Surfe, a qual, inicialmente, foi batizada de Austrália 2000, pois, na época, havia a possibilidade do surfe ser exibido nos Jogos Olímpicos de Sydney, na Austrália, em 2000,



como esporte de apresentação, o que não ocorreu, sendo o nome alterado para Escola Gaúcha de Surfe. Carlos Alberto Diehl relata que quando fundou a referida escola, almejava ir aos Jogos Olímpicos de Sydney:

Eu tive uma ambição muito grande quando fundei a escola, porque eu queria ir na Olimpíada de Sydney, fiz um projeto grande, saiu na mídia na época, em 1995, saiu nas revistas *fluir* e *hardcore*. Mas, eu estava meio que sonhando, pois o surfe é muito centrado no eixo Rio-São Paulo, e no nordeste. Então, eu, preparador físico, aqui do frio, por mais que dominasse o surfe, não tinha muito espaço na Confederação Brasileira de Surfe (Carlos Alberto Diehl, Preparador Físico e Treinador de Surfe).

Fabiano Bossle é professor doutor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde ministra uma disciplina para o curso de Educação Física, denominada “Práticas corporais: o ensino do surfe”, a qual possui o propósito de apresentar o surfe como modalidade e fornecer aos alunos a experimentação da prática. Sua história com o surfe foi iniciada no fim da década de 1970, quando ganhou a sua primeira prancha como presente da família, após inúmeras tentativas e insistências de prática com outros materiais ou pranchas de isopor. Seu ingresso no surfe se deu, principalmente, pelo gosto de estar na água, que o estimulou a praticar o esporte, aliado às frequentes viagens em família para o litoral do estado de Santa Catarina. De tal forma, o surfe lhe trouxe equilíbrio e prazer, atrelando a sua relação com o meio líquido a um exercício físico. Na década de 1970, quando iniciou no surfe, Fabiano Bossle relatou que teve seu aprendizado construído a partir do que via os demais surfistas fazerem, em relação a como subir na prancha, se comportar dentro do mar, remar e surfar sobre as ondas. Por entender que este não foi o melhor caminho, buscou trazer, a partir de muito estudo e leituras de métodos de ensino, o que de melhor a prática pode proporcionar, através da liberdade

e, no caso, da experimentação para os alunos. Neste sentido, o início do trabalho com o tema do surfe, enquanto disciplina universitária, se deu devido ao gosto pelo esporte e da observação daqueles que ensinavam no litoral do sul do país. Assim, construiu o método a ser utilizado a partir de questões que lhe surgiam sobre o que observava na prática do surfe, aliando isto a sua experiência como professor e aos seus pressupostos teóricos:

A relação com o ensino do surfe foi algo que eu sempre quis e eu sempre fui muito observador do que se faz ensinando o surfe no litoral gaúcho, catarinense e paranaense. Sempre acompanhei os pioneiros de escolas de surf, alguns meus contemporâneos de educação física. E, vendo os caras fazendo as coisas, eu pensava: Será que é isso? Será que é essa a forma ou método? E, então, eu começo a estudar muito o surf para aliar essa prática que tenho como prazer com a prática profissional, de professor de educação física, e desenvolver um método próprio, particular; isto não significa que meu método é melhor daqueles que meus colegas fazem (Fabiano Bossle, Professor Universitário).

Leandro Dora iniciou a prática do surfe no início da década de 1980, aos 14 anos de idade. Com 16 anos, seguiu para o mundo das competições e se consagrou campeão paranaense em todas as categorias, de iniciante ao *open* amador. Posteriormente, participou de baterias (competições) do campeonato brasileiro em São Paulo e Rio de Janeiro e; aos 21 anos, deu “o ponta pé rumo ao seu “negócio”. Seu início no surfe se deu por conta de um amigo que surfava e, conforme o tempo, a prática começou a atraí-lo a ponto de não largar mais e querer viver do esporte. Aos 21 anos, criou uma marca de surfe e skate, chamada “Cruel Mainiac”, deixando a prática do surfe um pouco de lado e se dedicando ao trabalho. Em 2006, começou a trabalhar como treinador de surfe em Florianópolis (Santa Catarina), voltando a se dedicar ao esporte: “quando eu resolvi ir para o surfe, criou-se certa dúvida: será que eu iria sobreviver daquilo e



manter a família? Eu arrisquei, toquei o barco e deu tudo certo” (Leandro Dora, Treinador de Surfe). Leandro Dora relata que, após os anos 1970 e 1980, período conhecido como contracultura do surfe, essa prática foi se tornando “um bom negócio”: “quando começaram a ter patrocínios e atletas começaram a ganhar dinheiro com o surfe; o surfe se tornou mais popular, mais famoso, e, com isso, empresas de fora passaram a investir no surfe” (Leandro Dora, Treinador de Surfe).

Diferentemente dos demais participantes do estudo, Leandro Dora não realizou formação no ensino superior, porém relata que “juntou” uma equipe de profissionais a sua volta que davam todo o suporte e auxílio para proporcionar os treinamentos para seus atletas. Conforme isso foi ocorrendo, acabou assumindo o papel de treinador, pois sempre teve o hábito de dar um aviso sobre o desempenho do amigo, sobre o mar, condição das ondas e assim começou a adotar essa postura, treinando atletas do circuito mundial, incluindo seu próprio filho. Para que esse desenvolvimento ocorresse, foi constituída a “Aprimore Surfe”, marca registrada da equipe que prepara e orienta os treinamentos dos atletas com uma metodologia de surfe, englobado a prática para desenvolvimento de técnica, habilidade e reconhecimento do surfe a partir de vídeo análise com cada atleta. Com diversas conquistas como treinador, Leandro Dora segue preparando e formando atletas em diferentes níveis.

Marcio Abreu possui experiência como atleta e também como preparador físico de atletas de surfe do Rio Grande do Sul. Marcio Abreu começou a surfar aos 13 anos de idade. Relata que desde a infância possui casa na praia, desenvolvendo uma boa relação e interesse em relação ao mar. Ingressou na natação aos três anos e aos nove começou a praticar surfe com a prancha *bodyboard*, alterando, em seguida, para a prancha de *surf board* (BRASIL; RAMOS; TERME, 2010). Relatou que até os 17 anos praticava o surfe apenas nos finais de semana. Marcio Abreu criou uma metodologia integrada para o surfe, abrangendo diversas práticas corporais como ioga, pilates e treinamento funcional, articulando o treino fora e dentro da

água (mar e piscina). Iniciou esse trabalho buscando, em um primeiro momento, melhorar a sua condição física para o surfe. Assim, conta que o trabalho começou com a musculação e, ao longo do tempo, pela limitação de mobilidade corporal – oriunda da própria musculação –, passou a avançar para a globalização de técnicas que envolvessem o corpo como um todo, visando alcançar bem-estar físico e, também, mental: “integração do corpo como um todo: mente, corpo e espírito. Então, surfista tem que ser muito completo para ter resultado (Marcio Abreu, Preparador Físico de Surfe). Em 2008 se formou em Educação Física e passou a utilizar o método pilates como um meio para se preparar para o surfe. Além do pilates, expõe que o treinamento funcional melhorou a sua mobilidade e flexibilidade. Marcio Abreu diz que treinava e testava os exercícios em si para, posteriormente, levar para os alunos. Em 2011, passou a competir no Circuito Gaúcho de Surfe e também assumiu a Associação de Surf de Porto Alegre (ASPOA), no Rio Grande do Sul, como diretor técnico, organizando campeonatos pela entidade. Em 2015, foi campeão máster gaúcho de surfe.

Pedro Lucas é praticante de surfe, aproximadamente, desde os 10 anos de idade. E, como preparador físico, possui experiência de sete anos. Pedro Lucas relatou que, após alguns anos de prática, passou a entender que o surfe exigia preparo e condicionamento físico para que ocorressem avanços em seu desempenho no surfe. De tal modo, iniciou a preparação física e, ao ingressar na universidade para cursar Educação Física, se dedicou a buscar cursos e conteúdos para obter informações sobre treinamento. A partir disso, começou a aplicar o conhecimento adquirido em si, nos parentes e amigos mais próximos, dando início ao trabalho de treinamento funcional para o surfe. Em 2016, dois anos depois de formado, Pedro Lucas teve uma experiência diferenciada para a sua carreira, pois conviveu com atletas brasileiros do circuito mundial, vivenciando etapas da *WQS* e *WCT*. Nesses eventos, Pedro Lucas atuou como preparador físico do atleta Alejo Muniz, acompanhando e intervindo nos treinamentos, o que lhe proporcionou vivenciar o cotidiano de



grandes competições do surfe mundial. Ao ser questionado sobre a atuação como preparador físico de surfistas, Pedro Lucas aludiu:

O grande ponto que gera muitas dúvidas e conceitos diferentes é que a melhor preparação para o surfe é o próprio surfe. O melhor jeito de treinar é fazendo. Então, a preparação física é um auxílio/suporte para manter o condicionamento, prevenir lesões, aumentar o desempenho, a potência, o equilíbrio e a consciência corporal, mas sempre lembrando que a principal maneira de se preparar é o próprio surfe. Ver os movimentos, fazer vídeos e rever os vídeos e não se pode esquecer isso, que essa é a principal maneira. O preparo físico, sim, é cada vez mais importante, mas tem que servir como um suporte para o surfista, um complemento no esporte (Pedro Lucas, Preparador Físico de Surfe).

Tiago Perin nasceu em 1987. Seu contato inicial com o surfe emergiu, conforme ele, da paixão pelos esportes em geral. Após praticar diferentes modalidades, o surfe lhe despertou um interesse distinto. A busca pelo trabalho com o treinamento no surfe partiu do fato de ele “gostar de treinamento”. Com o ingresso no ensino superior em Educação Física, teve o conhecimento da importância de haver treinamento específico para cada prática esportiva. Ainda no início da formação acadêmica, começou a trabalhar com a preparação física de um surfista amador, que planejava realizar uma viagem para surfar – *surftrip* –. Dessa maneira, teve início a atuação de Tiago Perin com o surfe. Após o primeiro trabalho desenvolvido, outros surfistas o procuraram, dando prosseguimento a sua carreira como preparador físico no surfe. Quanto à atuação como preparador físico de surfe, Tiago Perin ressaltou: “na questão do treinamento, acho que a gente ainda engatinha muito, mas pelo menos existe o foco, pois antigamente não se falava em treinamento de surfe, ou treinamento de surfe era: vai nadar. E eu ouvia muito isso quando entrei na faculdade em 2005, e ainda

hoje mesmo se escuta” (Tiago Perin, Preparador Físico de Surfe).

Nesse tópico, apresentamos informações sobre os percursos de quatro preparadores físicos, de um treinador, de um preparador físico e treinador e de um professor universitário com relação às suas experiências no universo do surfe. Para falar sobre como sucedeu o início de suas atividades profissionais no surfe, todos os entrevistados recordaram, inicialmente, aspectos do ingresso na prática desse esporte, sendo os amigos, a família e o fácil acesso ao contexto de prática – o mar – os principais influenciadores no contato inicial desses indivíduos com o surfe. Três dos participantes do estudo tiveram vivências como surfistas em campeonatos de surfe, obtendo relevantes conquistas nessas ocasiões. Os demais, não adentraram as competições, permanecendo como praticantes da modalidade.

Em consonância aos resultados desse estudo, ao investigar a trajetória de vida de treinadores de surfe, Ramos e colaboradores (2014) identificaram alguns dos significados dessa atividade profissional, quais sejam: realização, benevolência, estimulação, segurança e universalismo. Ademais, o estudo evidenciou que as primeiras experiências de seus participantes como treinadores de surfe se deram a partir de relações com amigos, – ou seja, por meio do convívio social com pessoas mais próximas e através de um envolvimento contínuo nas diversas atividades de um contexto circunscrito à área do surfe –, das experiências práticas na modalidade, de estímulos oriundos de cursos de graduação, dentre outros.

Amaral e Dias (2008) também encontraram nos resultados de seu estudo sobre motivos de adesão à prática do surfe, que os principais meios de acesso à prática foram a família e os amigos, além das escolas de surfe. Cabe mencionar, que os entrevistados do nosso estudo não aludiram às escolas de surfe quando falaram de sua iniciação à prática. Talvez porque, para alguns dos entrevistados, na época em que tal processo de engajamento foi iniciado, não era tão presente a oferta do trabalho de ensino do surfe nas praias,



considerando-se que as chamadas “escolinhas de surfe” passaram a ser constituídas, especialmente, a partir da década de 1990 (FORTES, 2008). Para o autor (2008), a institucionalização dos esportes depende, em grande medida, da existência de espaços, como os clubes, onde profissionais ou professores possam ensinar regularmente os alunos. Acrescenta que no caso do surfe isso tem ocorrido nas referidas escolinhas, as quais recebem, predominantemente, crianças e jovens, mas que também oportunizam a aprendizagem a adultos.

No que se refere ao papel da família e dos amigos, Ramos e colaboradores (2014) explicam que se constitui em um aspecto presente e importante não apenas para a iniciação e permanência na prática do surfe, mas, também, para o engajamento dos indivíduos em atividades profissionais ligadas a esse esporte. Isso porque, ao oportunizar, ainda na infância, a convivência no “contexto de prática dos surfistas”, a família está, conseqüentemente, abrindo espaços para que o indivíduo passe a fazer parte desse grupo social – os surfistas –, os quais, praticando o surfe e interagindo, constroem e manifestam “seus modos de pensar e agir, ou a cultura dos surfistas” (RAMOS et al., 2014, p. 824). De acordo com os autores, a partir do momento que os indivíduos se reconhecem como integrantes de tal cultura passam a propagar os valores e significados que atribuem ao surfe. Além disso, buscam constantemente aprender mais sobre a sua prática de interesse, visando obter melhorias no desempenho pessoal e reconhecimento entre seu grupo de pertença.

Sobre os elementos supracitados – que envolveram o ingresso de nossos colaboradores no surfe, bem como daqueles apresentados na literatura consultada –, Augustin (2019) entende que são inseparáveis das mudanças globais da sociedade, envolvendo, na contemporaneidade, não apenas os fatores do convívio familiar, das escolas e de outras instituições, mas, sim, o desenvolvimento de atividades individuais e independentes. Para o autor (2019), as relações sociais – incluindo as individuais – estão em constante mudança, implicando, talvez, em transformações, também, quanto às formas de

acesso e engajamento à prática e à atuação no surfe na sociedade atual. Nesse sentido, o engajamento dos nossos entrevistados como preparadores físicos no surfe ocorreu, principalmente, com o intuito de melhorar a prática pessoal, ou seja, o desempenho próprio no surfe. Quatro entrevistados citaram o início da formação no ensino superior em Educação Física como um fator que despertou o interesse e auxiliou a busca por conhecimentos em termos do trabalho com a preparação física para o surfe. Outros dois participantes, buscaram tais conhecimentos, também, em decorrência da necessidade profissional, isto é, por terem sido procurados por surfistas que desejavam o trabalho de preparação física direcionado para o atendimento aos objetivos da prática e do bom desempenho no surfe.

No âmbito dos treinadores de surfe, esse início se deu a partir da longa experiência com a prática e da construção de oportunidades, pelos próprios entrevistados, para atuar como treinadores por entender que, ao longo dos anos, passaram a desenvolver tal atividade como uma consequência dos conhecimentos obtidos na prática, nos campeonatos e no contato com o contexto e com pessoas também inseridas na cultura do surfe. Quanto ao professor universitário entrevistado, observou-se que a iniciativa de ministrar disciplina com conteúdos sobre o surfe partiu, em grande medida, de seus anseios por apresentar e possibilitar, aos seus alunos do curso de graduação em Educação Física, aprendizagens teóricas e experiências práticas acerca da modalidade, problematizando a forma como muitos profissionais trabalham/ensinam o surfe nas praias em que ele (professor) costuma surfar. De tal modo, o início do desenvolvimento da disciplina na universidade em que trabalha parece ter sido motivada por inquietações pessoais oriundas dos contextos de prática e pelo desejo de possibilitar ressignificações às formas de ensinar e vivenciar o surfe aos futuros profissionais de Educação Física.

Entende-se que conteúdos sobre o surfe são relevantes para os alunos dos cursos de Educação Física inseridos em instituições de ensino superior, sobretudo, aquelas que possuem



localização geográfica próxima às praias. Especialmente nesses locais, pela facilidade de acesso ao ambiente de prática, o surfe vem conquistando novos adeptos/praticantes, crescendo, também, o número e a diversidade de indivíduos dispostos em aprender a modalidade. De tal maneira, necessita-se de profissionais preparados para atuar em seu ensino a partir de objetivos e métodos adequados aos variados grupos potencialmente interessados. Ademais, vale ressaltar as possibilidades de atuação profissional no âmbito do surfe para o lazer ou para o alto rendimento esportivo, conforme se discute no tópico que segue.

b) Atuação profissional no/para o surfe: perspectivas e métodos

O surfe passou de um completo amadorismo para um momento de profissionalização, a qual segundo o entrevistado Fabiano Bossle demanda uma mudança total na forma de pensar o surfe no Brasil: da forma amadorística, praiana, cheia de preconceitos, para uma forma profissionalizada. Com isso, os atletas começaram a se conscientizar de quão importante é a preparação física e os cuidados com a saúde em geral, necessitando, para isso, de profissionais de áreas como a educação física, a psicologia, a nutrição, a fisioterapia, entre outras. Nesse sentido, Souza, Hecktheuer e Rigo (2019) explicam que a equipe multidisciplinar constitui-se em uma das características do novo perfil de surfista – o surfista profissional. Para Pedro Lucas “antes o atleta não tinha tanta preocupação com a preparação física, nem com a alimentação. O treino de surfe era surfar, e competia quem surfava melhor, com mais estilo e força, e com maior grau de dificuldade”. Isso sucede, possivelmente, porque, assim como outros esportes, o surfe se constituiu por meio de “conhecimentos e relatos comunicados de geração para geração, ou dentro de uma rede de relacionamento muito próxima, de amigo para amigo” (AMARAL; DIAS, 2008, p. 8). Tal configuração foi identificada nos relatos de nossos entrevistados, conforme apresentado no

capítulo anterior e, segundo os referidos autores, essa é uma característica comum ao fenômeno esportivo.

Nesse sentido, segundo Tiago Perin, o surfe brasileiro ainda está engatinhando no que diz respeito ao treinamento de atletas. Muitos atletas ainda são orientados por familiares ou conhecidos que possuem experiência prática. Conforme Tiago Perin, ainda se escuta a frase: “treinamento para o surfe, tem que nadar. E nessas questões o surfe tem que tomar um rumo”. Para Carlos Alberto Diehl, mesmo com o crescente desenvolvimento do surfe nos últimos anos, “o surfista profissional ainda tem dificuldades de se encaixar no termo atleta devido à falta de disciplina no treinamento e de uma equipe por trás bem estruturada”. Isso parece ocorrer devido ao fato de que poucos atletas surfistas possuem condições financeiras para viajar com toda a equipe para todas as etapas e locais de treino, principalmente os atletas das divisões de acesso para o circuito mundial. Pedro Lucas, diz que poucos atletas realmente levam preparador físico e treinador, mantendo, muitas vezes, os treinadores nas competições e deixando o preparador físico para seu retorno para casa.

Por outro lado, quando se trata de atletas da elite mundial do surfe, é comum que eles levem consigo nas competições, pelo menos, um treinador. Esse auxilia o atleta e fornece coordenadas, de fora da água, sobre posicionamento, formação das ondas, melhores ondas. Além do treinador, a presença de uma equipe de preparadores físicos, com um líder, os quais fazem a preparação do atleta às etapas e nas etapas dos campeonatos. Todavia, Carlos Alberto Diehl ressalta que, nesses grandes eventos de surfe, o reconhecimento em termos dos bastidores deixa muito a desejar, havendo certa invisibilidade em termos dos profissionais que atuam na formação dos atletas/ surfistas.

De acordo com o entrevistado Marcio Abreu, para uma preparação física adequada, o profissional necessita conhecer muito sobre o surfe e ter experiência prática, ou seja, ser praticante da modalidade, pois isso auxilia o



profissional no reconhecimento das necessidades do atleta nas ocasiões de treinamento e nos momentos pré, durante e pós a competição. Treinadores de surfe entrevistados por Ramos e colaboradores (2014) relataram que buscam, com os treinos, melhorar as competências de seus alunos para a prática do surfe. Um de seus entrevistados referiu que seu objetivo é “ensinar o ‘modo correto de surfar’ levando-os a se sentirem eficientes e bem sucedidos no que realizam”. Outro treinador entrevistado pelos autores (2014) destacou que busca “identificar e aperfeiçoar as aptidões esportivas dos seus alunos” (p. 823). Para Alemann (2015), um surfista com um bom desempenho é capaz de mostrar uma grande variedade de manobras e se mostra seguro ao realizá-las.

Em relação à preparação no surfe, Pedro Lucas destacou que é por meio do treinamento que o atleta vai adquirir potência, resistência, consciência corporal, ganho de amplitude, sendo a parte principal, o treinamento do surfe dentro da água. Além disso, ressaltou que é importante manter a periodicidade dos treinos para a prevenção de lesões de atletas e praticantes. O preparador Marcio Abreu entende que o surfe, por ser um esporte abrangente em função de suas variáveis de movimentos e manobras, exige um preparo combinado de valências físicas. Para Marcio Abreu devem-se atrelar momentos dentro e fora da água, trabalhando-se aspectos físicos e psicológicos. O método utilizado por Marcio Abreu busca agregar elementos do método pilates – para a manutenção da postura e a amplitude de movimento – com elementos do treinamento funcional – para que o atleta obtenha ganhos de força, potência, agilidade e resistência. Além disso, o método de Marcio Abreu contém alguns movimentos da ioga, sendo fundamentais para o controle e a amplitude respiratória no movimento.

O surfe é uma prática em que, em diferença de horas ou até de minutos, coloca o praticante, seja atleta profissional ou amador, em diferentes condições do mar. De tal modo, estar bem preparado física e psicologicamente é essencial, sobretudo, para os atletas profissionais que competem em baterias (provas) de 30 a 40 minutos ininterruptos dentro do mar. Nesse

sentido, para Marcio Abreu, o bem-estar mental e a concentração do atleta influenciam amplamente em seu desempenho, podendo, em muitos casos, definir os resultados da competição. Ao considerar que os atletas de surfe viajam para diferentes locais – cidades, estados, países –, para surfar, seja por lazer ou competição, evidencia-se outras condições distintas, uma vez que cada praia/mar possui características específicas em termos de clima, temperatura, formação de ondas, vento, correntezas, etc. A isso, Amaral e Dias (2008, p. 15) atribuem à denominação de “imprevisibilidade do terreno de prática”. Assim, o treinamento para o surfe deve preparar o atleta, também, para enfrentar as diversidades dos locais de surfe. Thiago Perin destaca que quem trabalha com surfistas, amadores ou profissionais, que viajam ao longo do ano, a preparação física deve ser feita considerando-se o local para o qual o indivíduo irá, visando atender as condições que poderão ser encontradas. Para Amaral e Dias (2008), tal desconhecimento ou imprevisibilidade do local de prática possui relação com os motivos de adesão ao surfe, visto que a busca por atividade de aventura na natureza, frequentemente, está associada ao prazer oriundo da exposição a riscos. Isto é, o afloramento e/ou a intensificação de sensações e emoções diversas geradas pela “superação de determinados desafios geográficos” (PEREIRA; ARMBRUST; RICARDO, 2008, p. 18).

Segundo Allan Menache, o preparador físico, tendo em vista todas as variáveis do surfe, deve ter um plano de trabalho para com o atleta de surfe profissional ou amador, no qual a orientação deve se basear em objetivos pré-estabelecidos, sendo a preparação física uma das chaves para a conquista de tais objetivos. Para tanto, cabe referir a importância do trabalho multidisciplinar, de modo a se buscar não apenas o melhor desempenho, mas a saúde integral do praticante de surfe. Nessa perspectiva, vale a ressalva de que, diferentemente de outros esportes, no surfe, o estabelecimento de relações entre a prática da modalidade e a ideia de saúde, culminou com representações e discursos construídos recentemente na sociedade



(AMARAL; DIAS, 2008). Isso porque, de acordo com os autores, ao invés da ideia de saúde, predominava no imaginário social a associação do surfe com práticas “ilícitas” e com a “permissividade”.

Ainda no âmbito do treinamento, Allan Menache explica que o surfista necessita de uma preparação física acompanhada e disciplinada, respeitando seus limites. Tal trabalho requer um profissional capacitado para desenvolver a periodização de treino, conforme Allan Menache:

O mais importante da periodização é primeiro conhecer a modalidade que está atuando, saber quais aspectos neurais, metabólicos e mecânicos que norteiam essa modalidade, conhecer as regras do esporte, quanto tempo o surfista tem que surfar, o que ele tem que fazer para obter as melhores notas, qual o nível de resistência que ele precisa ter em um dia de competição, para com isso trabalhar os aspectos gerais e os específicos do treinamento (Allan Menache, Preparador Físico de Surfe).

Observa-se na fala de Allan Menache uma visão pautada em aspectos biodinâmicos do indivíduo, nesse caso, o surfista. Além disso, nota-se que seus objetivos quanto à preparação física direcionam para a busca de ótimos desempenhos em competições. Compreendemos que seu discurso possui relações com o trabalho que exerce, isto é, a preparação física de surfistas profissionais, muitos deles, inseridos na elite mundial do surfe com a função de representar o Brasil no circuito mundial. Entretanto, cabe mencionar que a preparação física do surfista profissional pode ser conduzida com outros elementos articulados ao trabalho físico, como o próprio Allan Menache frisou ao falar sobre a importância do trabalho multi e interdisciplinar na preparação do atleta. Nesse sentido, Tiago Perin também reforçou que não é apenas talento que leva o atleta a ser campeão, é necessário esforço, trabalho físico e psicológico de qualidade, dieta e sono adequados, entre outras variáveis que ainda não são tão destacadas no cenário do surfe.

Outro personagem importante e com papel fundamental no universo do surfe é o treinador que, além de atuar no processo de ensino do surfe (RAMOS; BRASIL; GODA, 2012), busca auxiliar o atleta nos períodos competitivos. Nos campeonatos, é comum o treinador desempenhar o papel de orientar o atleta sobre o seu posicionamento no mar e as melhores ondas que se formam durante as baterias, visando colocar o surfista nas ondas com maiores potenciais de manobras e, conseqüentemente, de maiores notas. De acordo com Leandro Dora “é outra visão de fora do mar, pois, muitas vezes, se pode enxergar o mar de cima e, portanto, se possui uma visão de maior alcance quanto a formação de ondas”. Para Leandro Dora, o trabalho de treinador ainda é uma prática recente no âmbito do surfe; mas, principalmente, os atletas notam a diferença que a orientação pode gerar para o desempenho. Com isso, o relevante trabalho do treinador vem sendo disseminado entre atletas, sendo, aos poucos, aceito e reconhecido como um profissional com atuação importante no surfe.

Para Allan Menache, o fato do surfe ser uma modalidade que integra o rol dos esportes olímpicos traz ressonâncias positivas para os profissionais que almejam atuar nesse campo. Todavia, ressalta que o aumento do mercado de trabalho também requer maiores responsabilidades, denotando a necessidade de que os profissionais estejam preparados para atender as demandas e necessidades dos surfistas profissionais, amadores e àqueles que desejam dar início à prática. Ramos, Brasil e Goda (2012), ao investigarem a percepção dos treinadores sobre sua aprendizagem profissional no surfe, verificaram que a aprendizagem do tipo informal tem sido a principal forma de obtenção de conhecimentos desses indivíduos para o ensino do surfe. Ou seja, o conhecimento utilizado pelos treinadores para o ensino do surfe é pautado nas experiências pessoais de prática, nas trocas de informação com outras pessoas, na observação de outros treinadores, em informações de *sites* especializados de *internet* e de revistas e filmes de surfe, e de reflexões



peçoais sobre os processos de ensino da modalidade. Em segundo lugar, os autores (2012) identificaram o uso da aprendizagem não formal, oriunda de cursos de curta duração, realizados por associações da modalidade, por exemplo. E, por fim, localizaram a aprendizagem formal como aquela menos utilizada pelos treinadores à busca de conhecimentos para o ensino do surfe, a qual foi citada por apenas um dos 11 participantes do estudo de Ramos, Brasil e Goda (2012), embora nove deles possuíssem nível superior de formação, sendo três em Educação Física.

Na presente pesquisa, de sete entrevistados, quatro citaram os cursos de formação superior em Educação Física, como espaços em que se constituíram conhecimentos para o trabalho, principalmente, de preparadores físicos no surfe. Talvez, a criação de disciplinas voltadas aos conteúdos de surfe em cursos de graduação do país, sobretudo, na área da Educação Física, possam colaborar para a ressignificação das formas de aprender e ensinar o surfe, conforme propõe o professor entrevistado ao falar sobre os objetivos da disciplina “Práticas corporais: o ensino do surfe”:

Além da aprendizagem da prática, o significado e sentido ao fazer essa prática corporal. Como cada pessoa consegue, ao realizar determinada prática corporal, atribuir um significado, sensação, observar a reação de uma pessoa que está ficando de pé em uma prancha, é uma coisa sensacional. Porque não somos daquele meio, as pessoas partem da premissa de que não são capazes de fazer aquilo em primeiro lugar, e; quando começam a fazer e conseguem fazer, elas começam a dominar o meio líquido e o controle da prancha e da técnica, é sensacional. Então, para mim, é essa satisfação de poder, de alguma maneira, produzir esse significado de prazer nas pessoas por estarem conhecendo essa prática corporal e as possibilidades inúmeras de interagir com a natureza (Fabiano Bossle, Professor Universitário).

Souza e Veloso (2018) corroboram com o depoimento de Fabiano Bossle ao referirem que o ensino do surfe pode congrega prazer e

aprendizado, se constituindo em momentos de interação social entre os envolvidos ao mesmo tempo em que também se insere como um instrumento pedagógico no processo de ensino-aprendizagem não somente do surfe, mas, sim, de aspectos culturais que atravessam esse esporte. O surfe é um esporte em ascensão em vários lugares do mundo. A sua estreia nos Jogos Olímpicos em 2020, provavelmente repercutirá no aumento da difusão de sua prática – que já atrai uma diversidade de praticantes: crianças, jovens, adultos, idosos, pessoas com deficiência. Nessa direção, tem-se um potencial cenário para a atuação profissional, seja para o ensino do surfe na esfera de uma prática corporal para o lazer ou para o trabalho em especialidades direcionadas ao alto rendimento esportivo de surfistas.

Para Allan Menache, a entrada do surfe nas disputas dos Jogos Olímpicos, ao mesmo tempo em que incrementará as oportunidades de atuação profissional junto à modalidade, aumentará a responsabilidade destes personagens, conforme registra:

A importância que temos nas mãos está crescendo junto com o surfe e os surfistas. As pessoas vão olhar para o que você faz com atenção. As pessoas passam a querer fazer aquilo que você faz bem, e que os surfistas fazem, e a responsabilidade é grande. Eu vejo que isso não vai parar tão cedo. Esse crescimento do esporte no Brasil e no mundo vai levar o surfe para um patamar que ainda nem imaginamos e acredito que vá ganhar uma importância e, talvez, disputar com o futebol a preferência nacional. Não sei, mas, com certeza, será o segundo esporte mais praticado, curtido pelas pessoas de todas as idades. Acho que patrocinadores, pessoas que investem no mercado que se preparam para trabalhar com o surfe, terão ótimos resultados nos próximos anos (Allan Menache, Preparador Físico de Surfe).

É possível observar na citação supramencionada que a estreia do surfe nos Jogos Olímpicos de 2020 em Tóquio (Japão) reserva altas expectativas, sobretudo, dos personagens engajados à modalidade. Allan Menache “arrisca”, inclusive, sinalizar a



superação da monocultura do futebol no Brasil pela prática do surfe. Sobre esse assunto, vale trazer a fala de Fabiano Bossle ao se referir sobre a transmissão da disputa final do circuito mundial, em que Gabriel Medina foi campeão: “[...] Eu sai daqui [local de trabalho] correndo para casa, porque era meu GRENAL [partidas de futebol entre os times *Sport Club* Internacional e Grêmio Futebol Porto-Alegrense], meu futebol, eu tinha que ver, não podia estar fora daquilo (Fabiano Bossle, Professor Universitário). Cabe mencionar que não temos evidências para debater o potencial de alcance do surfe no Brasil, tampouco para compará-lo ao futebol. Todavia, esperamos, em um futuro próximo, ver a prática do surfe mais disseminada e popularizada entre os brasileiros, não apenas nas regiões e locais que desfrutam de praias, mas, sim, que outras formas de se conhecer e experimentar esse esporte sejam descortinadas, levando-o às pessoas que ainda desconhecem e/ou àquelas que são privadas de tal prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo buscou averiguar a percepção de profissionais do surfe (preparador físico, treinador e professor) sobre a atuação no âmbito desta prática. Os relatos dos participantes permitiram evidenciar que o início das atividades profissionais de preparador físico, treinador e professor universitário do surfe tiveram estreitas relações com a prática pessoal de cada um nessa modalidade ao longo da vida. Acompanhando o desenvolvimento do surfe, sobretudo, no Brasil, os entrevistados passaram a atuar, em distintos lugares e posições, como profissionais do surfe. Em seus discursos, notou-se a preocupação com o desenvolvimento de métodos para se potencializar o desempenho de surfistas em campeonatos, bem como em promover ressignificações acerca do ensino do surfe e das profissões ligadas a ele, incluindo-se a busca por maior valorização profissional.

Foram observadas similaridades quanto ao ingresso dos colaboradores na prática do surfe, havendo influências da família, de amigos, além

da facilidade de acesso ao ambiente à prática. Por outro lado, ao analisarmos as formas de ingresso na atuação profissional no campo do surfe, notamos que diferentes caminhos foram trilhados pelos nossos colaboradores: alguns criaram métodos próprios para a preparação física dos surfistas; outros articularam métodos como o pilates e o treinamento funcional com elementos direcionados à preparação para o surfe; outros fundaram escolas de surfe e se vincularam a “marcas”, denotando aproximação ao viés mercadológico do esporte; e, um deles, construiu metodologia própria para o ensino do surfe enquanto disciplina universitária à graduandos (as) do curso de Educação Física.

Por atuarem, especialmente, no âmbito da preparação física e técnica de surfistas – inclusive de profissionais –, os depoimentos de seis dos entrevistados foram direcionados, quase sempre, para os aspectos acerca do que o profissional deve/pode fazer a fim de se alcançar melhorias no desempenho dos atletas. Também foi apontado o bem-estar psicológico, sendo reconhecida a sua grande representatividade e influência na conquista de bons resultados em competições de surfe. Diferentemente, um dos entrevistados, o professor universitário, trouxe elementos relativos ao ensino do surfe no contexto universitário, abordando o surfe como prática cultural e, de tal modo, destacando possibilidades de seu ensino a partir da perspectiva sociocultural do fenômeno.

Reconhecemos que o estudo possui limitações na medida em que a entrevista utilizada para a coleta de dados se restringiu a tratar de questões gerais acerca da inserção e da atuação de sete personagens em distintas atividades profissionais no campo do surfe. Por outro lado, entendemos que os resultados apresentados trazem contribuições no âmbito acadêmico e científico, uma vez que expõem os percursos de indivíduos que se engajaram em atividades do surfe pouco abordadas na literatura nacional. Isso pode ser observado por meio das referências das quais lançamos mão para discutir os dados encontrados. Dentre as atividades que buscamos abordar, localizamos estudos sobre



treinadores do surfe para dialogar com os resultados encontrados. Entretanto, não foram achadas publicações sobre as atividades de preparador físico e professor, no caso, universitário, atuantes no universo do surfe. Desse modo, esperamos que o estudo colabore

para dar visibilidade aos personagens do surfe investigados: preparador físico, treinador e professor – este, inserido em variados níveis e locais de formação para o surfe –; e que suscite o interesse de outros pesquisadores para o desenvolvimento de investigações sobre o tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEMANN, Jasper von. The distributive justice of waves for surfing. **Fair Play**: revista de filosofia, ética y derecho del deporte, v. 3, n. 1, 2015.

AMARAL, Ananda Veras de; DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. Da praia para o mar: motivos à adesão e à prática do surfe. **Licere**, v. 11, n. 3, dez., 2008.

AUGUSTIN, Jean-pierre. Emergence of surfing resorts on the Aquitaine littoral. **Geographical review**, v. 88, n. 4, p. 587-595, 1998.

AUGUSTIN, Jean-Pierre e colaboradores. Surf atlantique, les territoires de l'éphémère. **Bordeaux, Maison des Sciences de l'Homme d'Aquitaine**, 1994.

AUGUSTIN, Jean-Pierre. Surf atlantique: les territoires de l'éphémère. **Maison des sciences de l'homme d'Aquitaine**, 2019.

BOOTH, Douglas; THORPE, Holly. Form and performance in oral history (narratives): historiographical insights from surfing and snowboarding. **The international journal of the history of sport**, v. 36, n. 13/14, p. 1136-1156, 2019.

BRASIL, Vinícius Zeilmann; RAMOS, Valmor; TERME, Antuniel Aécio. O surfe como esporte moderno: uma proposta de taxonomia. **EFDeportes**, ano 15, n. 145, junho, 2010.

DIAS, Emilly Yasmin Corrêa; ARAÚJO, Patrícia de. As marés de aventura: o surfe no município de Salinópolis entre ações e possibilidades. **Licere**, v. 22, n. 1, mar., 2019.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor; RICARDO, Denis Prado. Esportes radicais, de aventura e ação: conceitos, classificações e características. **Corpoconsciência**, v. 12, n. 1, p. 18-34, jan/jun, 2008.

FLICK, Urie. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

FORTES, Rafael. Notas sobre surfe, mídia e história. **Record**, v. 1, n. 2, dez. 2008.

GOMES, Leonardo do Couto; SOUZA NETO, Amilton; ROJO, Jeferson Roberto; MORAES E SILVA, Marcelo. Nas ondas da ciência: perfil da produção do conhecimento sobre o surf em periódicos brasileiros. **Licere**, v. 20, n. 4, dez., 2017.

GUIBERT, Christophe. Surfe, “contracultura” e lucros: as estratégias da imprensa especializada na França. **Record**, v. 11, n. 2, p. 1-23, jul./dez., 2018.



GULIN, Nicole; ANDRÉ, Hendry. A representação do surf brasileiro na mídia antes e depois da conquista do Campeonato Mundial 2014 pelo surfista Gabriel Medina. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38. Rio de Janeiro. **Anais...**, 2015.

RAMOS, Valmor e colaboradores. Trajetória de vida de treinadores de surfe: análise dos significados de prática pessoal e profissional. **Pensar a prática**, v. 17, n. 3, p. 815-834, jul./set., 2014.

RAMOS, Valmor; BRASIL, Vinícius Zeilmann; GODA, Ciro. A aprendizagem profissional na percepção de treinadores de jovens surfistas. **Revista de educação física**, v. 23, n. 3, p. 431-442, 3 trim., 2012.

SOUZA, Thiago Silva de; HECKTHEUER, Luiz Felipe Alcantara; RIGO, Luiz Carlos. Possibilidades heterotópicas do surfe: uma análise do discurso de Ricardo dos Santos. **Licere**, v. 22, n. 3, set., 2019.

SOUZA, Vinícius Cardoso de; VELOSO, Rafael Campos. Surfe e educação não formal: potência e a prática no projeto social “Surf e stand up paddle para todos”. **Olimpianos**, v. 2, n. 3, 2018.

Dados do autor:

Email: arthurkops@hotmail.com

Endereço: Rua Dona Inocência, 150, Jardim Botânico, Porto Alegre, RS, CEP 90690-030, Brasil

Recebido em: 07/02/2020

Aprovado em: 17/03/2020

Como citar este artigo:

PETERSEN, Arthur Kops; BATAGLIONI, Giandra Anceski; MAZO, Janice Zarpellon. Da prática pessoal à atuação profissional no surfe: as atividades de preparador físico, treinador e professor. **Corpoconsciência**, v. 24, n. 01, p. 41-56, jan./abr., 2020.